

Dalcídio, esse desconhecido...

Ana Maria del Aguila

Meu primeiro contato com Dalcídio foi pelo encantamento... Ao visitar o Marajó, pela primeira vez, há alguns anos. Aquela terra bruta, mágica, onde água, barro e sol penetram na gente, e a generosidade do povo termina por enredar de vez nossa memória.

De volta a Belém, a necessidade de saber mais sobre aquela imensidão me levou aos livros. *Marajó, a ditadura das águas*, de Giovanni Galo, *Marajó*, o registro fotográfico do José de Paula Machado, e, enfim, Dalcídio.

Que surpresa ao conhecer esse escritor que, mesmo tendo recebido dois dos mais importantes prêmios literários brasileiros, permaneceu ignorado pela crítica especializada, o que privou o público em geral e os estudantes de letras em particular do acesso a um dos maiores autores da literatura amazônica.

O que sabemos de Dalcídio? Quem foi este ser humano incrivelmente amazônico, pontapedrense criado em Cachoeira do Arari, depois em Belém, Rio, Santarém, Chile e União Soviética, idas e vindas que findaram com sua morte, em 1979.

O primeiro romance, *Chove nos campos de Cachoeira*, foi premiado no mesmo ano da publicação, 1941. O último, *Chão de Lobos*, é de 1976. São trinta e cinco anos de viagens e produção intensos, permeados de uma participação política ativa, jamais panfletária.

Rotular o conjunto da obra dalcidiana de regionalista é pouco. "A universalidade das obras que compõem o Ciclo do Extremo Norte, como o próprio Dalcídio denominou, pode ser constatada e sentida em qualquer livro do ciclo. Basta ler Dalcídio para sentirmos os conflitos humanos, conflitos que poderiam ter se sucedido em qualquer lugar do mundo", como citou o prof. Paulo Nunes no artigo "Para (re)conhecer Dalcídio", publicado em *O Liberal*, de 28 de junho de 1989.

Querer inserir uma obra, ou conjunto de obras, num determinado conceito é limitar sua potencialidade literária. Algo como prender um guará e não desfrutar mais da leveza e graciosidade do seu vôo... E Dalcídio, certamente, jamais concordaria com isso!

Retomando o tema sobre o desconhecimento não só de Dalcídio como da maioria dos autores, artistas, enfim da cultura amazônica, surge uma questão: seria falha somente da historiografia literária brasileira ou também

de nós, jornalistas, professores e estudantes de Letras? A surpresa diante das informações de que Dalcídio é realmente uma figura ímpar na literatura brasileira dá uma sensação de *mea culpa* por parte desse desconhecimento... Como é que uma jornalista, bacharela em Letras pela UFRJ, que teve a oportunidade de trabalhar nas maiores editoras do Rio de Janeiro, que fez parte da assessoria do prof. Antonio Houaiss na ABL, ignorava Dalcídio? Pois cabe a nós, que amamos a literatura, estudar e divulgar o fazer literário no Norte, esse desconhecido...

As fontes de que dispomos estão aqui, acessíveis e pacientes, como os professores Francisco Mendes, Paulo Nunes, Rosa de Assis, Benedito e Silvia Nunes, Vicente Salles, as irmãs Menezes, enfim, todos os que conviveram e privaram da amizade de Dalcídio. E também a Unama, com a louvável iniciativa de publicar, pelo Departamento de Letras, a revista *Asas da Palavra*.

Ana Maria del Aguila é jornalista e bacharela em Letras pela UFRJ. Atua como jornalista na TV Cultura, em Belém

